

APLICAÇÕES DO PSICODIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO NA PENITENCIÁRIA AGRÍCOLA DE NEVES

POR PEDRO PARAFITA DE BESSA

HÁ já bastante tempo que reconheceram os juristas, educadores e médicos, que a tarefa principal das ciências jurídicas e, dentre estas, a da criminologia é de conhecer os criminosos, com o fim de evitar a delinqüência, quando isto for possível, como também, uma vez cometido o ato delituoso, prevenir a reincidência. Cumpre, pois, aos educadores, juristas e médicos a dupla tarefa de estudar os que, por suas características pessoais e pelas influências ambientais, correm o risco de se transformarem em criminosos, e aqueles que, tendo praticado já o ato anti-social, já se encontram sob a tutela do Estado. Neste último caso o que se visa, principalmente, é verificar a possibilidade de recuperação social do indivíduo e, também, é evidente, a proteção da sociedade contra novos ataques do mesmo criminoso.

Que o estudo das condições sociais em que vive o criminoso, isto é, das influências ambientais não esgota nem resolve o problema, já foi reconhecido por inúmeros investigadores. C. R. SHAW diz que permanece a tarefa de "relacionar estas situações sociais com o comportamento da própria pessoa. Além da análise dos contactos sociais da pessoa é necessário conhecer o mundo pessoal interior do indivíduo, sua atitude e desejos, sua interpretação da situação e sua concepção de si mesmo" (1).

Estas observações se referem à compreensão do problema do crime, de modo geral. Existe, porém, ao lado disto, a tarefa de examinar o problema da pena, uma vez que a sociedade impõe ao criminoso uma punição. Reconheceu LISZT que esta deve depender, além do passado do condenado e da sua atitude para com a justiça, também do que se pode esperar dêle no futuro.

Vemos, portanto, que o problema da previsão do comportamento futuro aparece em duas ocasiões:

a) Na questão dos criminosos potenciais, isto é, da prevenção do crime;

b) na de adequar a pena à nossa expectativa sobre o comportamento futuro do criminoso.

O critério para se resolver o segundo problema é, evidentemente, o de se determinar a perigosidade do indivíduo. A noção de perigosidade, isto é, a de estado perigoso é, no fundo, uma noção baseada em probabilidades de comportamento. É isto, aliás, o que afirma LUIS JIMÉNEZ DE ASSUA:

“Tudo o que se pode dizer a respeito da noção que têm formado os modernos autores sobre o estado perigoso do delinqüente é que consiste na probabilidade de que um indivíduo cometerá ou voltará a cometer um delito” (2).

A perigosidade é, portanto, uma noção que deve ser esclarecida pela psicologia de vez que significa, sob certo ponto de vista, um atributo pessoal, uma qualidade do indivíduo, aquele conjunto de condições psíquicas que levam o indivíduo a cometer um ato anti-social. Além disto, quando se fala em perigosidade não se quer dizer com esta palavra que a probabilidade de atividade contra a sociedade seja fraca, mas sempre se tem a idéia de que tal probabilidade é muito elevada. Além desta observação, cumpre-nos ainda dizer que a perigosidade pode ser graduada em diferentes graus de intensidade, determinados pelo próprio comportamento do indivíduo.

Analisando êste conceito de perigosidade, vamos encontrar que êle depende diretamente das tendências agressivas dos indivíduos. A agressividade existe normalmente em todo ser humano e se manifesta desde a mais tenra infância. Pela ação do meio esta agressividade é recalçada ou canalizada para atividades aceitas pela sociedade. Opondo-se à tese de LOMBROSO, de que alguns nascem criminosos, podemos dizer com os psicanalistas e com outros psicólogos modernos que “todo o mundo nasce criminoso” (3).

A educação e o meio vão atuar sobre essa agressividade primitiva de diferentes modos: recalçando e inibindo estas tendências, ou canalizando-as para atividades sociais. Podemos supor, com bastante fundamento, que essas tendências agressivas variam com os indivíduos. Ao lado disto, as inibições se estabelecem com forças diferentes, determinando que alguns tenham mais contrôle, outros menos. É de se supor também que, naquêles indivíduos em que as tendências são mais fortes, ou em que as inibições sejam mais fracas, o crime se verifique com maior freqüência. O problema do psicólogo é, pois, o de estudar a agressividade dos indivíduos, determinar a força de suas inibições, a fim de estabelecer a sua perigosidade.

De modo geral, podemos dizer que a perigosidade de um indivíduo pode ser determinada baseando-se nos seguintes critérios:

- a) A personalidade humana em seu triplo aspecto antropológico, psíquico e moral;
- b) a vida anterior ao delito ou ato de perigo manifesto;
- c) a conduta do agente, posterior ao cometimento do ato delituoso ou revelador do fato perigoso;
- d) a qualidade dos motivos;
- e) o delito cometido ou o ato que põe de manifesto a perigosidade" (2).

As técnicas psicológicas de exame da agressividade devem, portanto, indicar as variações individuais dessa tendência, de modo geral. Nos casos em que o indivíduo, examinado pelos demais critérios acima estabelecidos, fôr considerado perigoso, a prova deve também indicá-lo. É evidente que isto não poderá ser estabelecido pelo exame de um único indivíduo. É preciso que examinemos grupos e determinemos se a prova psicológica revela, em diferentes grupos, com agressividades grupais diferentes, essas variações mais ou menos previstas. Exemplifiquemos: Apesar de alguns casos de erros judiciários, podemos supor com mui fortes razões que os indivíduos recolhidos às prisões são aquêles que, tomados em grupo, devem revelar a maior agressivi-

dade. Comparando-se, pois, os resultados dos criminosos com os de indivíduos normais deveremos encontrar diferenças significativas entre os dois grupos. Mais ainda, nos casos de indivíduos com agressividade dirigida contra o próprio eu, isto é, os suicidas, a prova psicológica deve também dar as necessárias indicações neste sentido.

O PSICODIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO

Partindo de observações feitas quando trabalhava no Instituto de Orientação Profissional da Catalunha, o Professor MIRA Y LÓPEZ, atualmente radicado no Brasil, depois de uma longa série de experimentos estabeleceu uma técnica de psicodiagnóstico, chamada psicodiagnóstico ou teste mio-cinético, que permite, além de muitos dados a respeito do temperamento e caráter individuais, determinar também o grau de sua agressividade e sua perigosidade atual ou potencial.

A forma atual do teste consiste em um caderno de seis folhas em que se encontram desenhadas linhas de várias formas: na primeira página, seis linhas retas de 4 cm. cada uma, na segunda, quatro ziguezagues, na terceira, duas escadas e dois círculos, na quarta, seis cadeias, na quinta e na sexta, duas paralelas e dois UU, em cada uma. As posições dessas linhas e desenhos estão predeterminadas e devem ser de acôrdo com o modelo dado.

A execução da prova se faz pedindo-se ao indivíduo que, em alguns casos, recubra as linhas traçadas, continuamente, até que se diga basta, durante algum tempo vendo e depois, sem solução de continuidade, sem ver. Em outros casos, o indivíduo deve recobrir o modelo e continuá-lo na folha do papel. Também aqui uma parte é feita com auxílio da visão e a prova é terminada fazendo o indivíduo os traços sem ver, de memória.

Ao terminar a prova, o indivíduo fêz alguns traçados com a folha colocada no plano horizontal e outros com a folha colocada no plano vertical. Os traçados obtidos no plano horizontal podem ser em duas direções principais:

uma no plano paralela ao corpo, outra no sentido de aproximação e afastamento do corpo, isto é, no plano perpendicular ao corpo. Os traçados obtidos nessa última direção são chamados sagitais e os conseguidos na direção anterior (paralela ao corpo), são chamados horizontais. Este esclarecimento é necessário à compreensão das nossas ulteriores considerações.

A base do teste é que as posturas musculares, isto é, os vários tónus musculares estão relacionados com as atitudes dos indivíduos. Em outras palavras, quando formulamos um propósito de ação colocamos os músculos que vão executá-la em um estado de preparação prévia, que facilita seus movimentos. Por outro lado, os músculos antagonistas dos primeiros são inibidos. Este fato se observa na vida diária, quando, por exemplo, o indivíduo se prepara para saltar de um trem e vários minutos antes começa a movimentar-se e a preparar as malas, apesar de não ser possível ainda executar o seu propósito que é, de fato, sair do trem.

Examinando-se de outro ângulo a questão, seremos levados a concluir que nos indivíduos que propendem para determinadas atitudes de reação, os músculos interessados devem estar num estado constante de facilitação relativa, e os grupos musculares antagonistas em estado de inibição constante.

Partindo do fato que a maioria das nossas reações são executadas com os movimentos dos braços, o Prof. MIRA Y LOPEZ pensou em registrar os movimentos nos diferentes planos do espaço, deduzindo-se de suas direções as tendências dominantes do indivíduo e da intensidade dos desvios, a intensidade da tendência.

Baseando-se ainda em pesquisas de outros observadores, como WERNER WOLFF, em que se compararam os dois lados do indivíduo, isto é, a metade esquerda com a direita, concluiu que o lado esquerdo, no indivíduo destro, revela a parte primitiva, selvagem, instintiva, temperamental. Além disto, no caso dos movimentos dos braços, a ação edu-

cativa e de contrôlê voluntário dêsses movimentos é muito menor aí do que no braço direito. Pelo próprio fato de ser o braço direito mais educado, mais controlado conscientemente do que o esquerdo, além de outras observações e investigações que poderiam ser aqui lembradas, está êle ligado à parte caracterológica, mais mudável, mais diretamente dependente da educação.

As interpretações do miocinético são fundamentadas nessas verificações, aqui relatadas de modo perfunctório, e ainda nas seguintes observações do Prof. MIRA, resultado de suas investigações com o teste, e confirmadas por outros pesquisadores:

“Particularmente as oscilações e desvios dos movimentos efetuados no plano vertical pareciam corresponder às variações de tensão conativa (psicomotora), de tal sorte que os desvios ascendentes refletiam seu aumento (elação) e os descendentes sua diminuição (depressão). Em troca, as oscilações e desvios no plano sagital encontravam-se relacionados aparentemente com a atitude de reação egófuga ou egocípeta do indivíduo ou dito de outro modo, com a intensidade e o sentido da agressividade” (4).

Essas conclusões do Professor MIRA Y LOPEZ foram confirmadas por investigações feitas por outros autores com o teste miocinético e também pelas pesquisas realizadas pelo próprio autor do método.

APLICAÇÃO DO MIOCINÉTICO NA PENITENCIÁRIA DE NEVES

Há cêrca de três anos, quando tomamos conhecimento do teste miocinético, através das publicações que o Dr. MIRA fêz sôbre o assunto, interessamo-nos vivamente pelo método e pelas possibilidades de aplicá-lo na prática.

Um conjunto feliz de circunstâncias nos levou a entrar em contacto com o Dr. MOACIR ANDRADE, ilustre chefe do Serviço Médico da Penitenciária de Neves, e com o diretor da instituição, naquela época o Dr. FLORIANO DE PAULA. Fizemos, em colaboração com o Dr. MOACIR ANDRADE, uma

série de aplicações do miocinético, não somente em detentos da Penitenciária de Neves, como também em menores recolhidos na Escola "Antônio Carlos".

A aplicação do miocinético em detentos da Penitenciária tinha, já quando iniciamos o trabalho, uma finalidade prática: visava-se incluir os resultados do psicodiagnóstico nos laudos requeridos pelo Conselho Penitenciário, nos casos de livramento condicional. Ao lado disto, fizemos também algumas aplicações em detentos que continuariam na Penitenciária, para simples observação dos mesmos.

Relativamente às aplicações do P.M.K. entre os menores da Escola "Antônio Carlos", visamos unicamente, ou melhor dito, principalmente, verificar as seguintes questões:

1. Os resultados do miocinético entre adolescentes normais revelou um aumento da agressividade nessa fase, aumento êste verificado pela maior média do desvio primário positivo.

2. Comparar os resultados entre os menores delinqüentes com os resultados de um grupo de menores normais. Esta parte do trabalho, além de não ter ficado completa na parte de coleta dos dados, ainda não está terminada na de apuração do material recolhido.

3. Comparar a agressividade do grupo de menores delinqüentes com a dos detentos. As condições de vida dos dois grupos era bastante semelhante, no sentido de que os indivíduos estavam já cumprindo penas, alguns há bastante tempo, nos dois grupos.

Com o correr do tempo ficaríamos também com um material de pesquisa bastante rico sôbre os prognósticos baseados no miocinético, verificando-se a reincidência no crime daqueles indivíduos que demonstraram maior agressividade na ocasião em que deixaram a prisão.

Cumprir ainda notar que alguns dos testes, por razões diversas segundo cada caso particular, não foram completados, isto é, não se aplicaram tôdas as fôlhas já descritas, mas somente algumas delas.

A parte de aplicação foi feita pelo DR. MOACIR ANDRADE e pelo autor; o primeiro recolheu a maioria dos traçados dos detentos da Penitenciária e, o segundo, os dos menores da Escola "Antônio Carlos". A interpretação foi feita, na maioria dos casos, pelo autor, verificando o DR. MOACIR ANDRADE a sua congruência com os demais exames e dados a respeito do examinado. De modo geral, a concordância foi quase que absoluta, não havendo discrepâncias de maior monta. Este fato resulta importante como comprovação do valor do psicodiagnóstico se levarmos em conta que o autor desconhecia, na maioria dos casos, completamente os antecedentes do examinando; em alguns casos, nem teve contacto durante a aplicação do teste.

Além da agressividade, estabelecíamos uma pequena descrição das outras características individuais reveladas pelo teste, resumindo os resultados em uma conclusão resumo.

RESULTADOS GERAIS DO TRABALHO

Conforme dissemos, o teste miocinético foi aplicado para fornecer dados complementares a respeito de vários detentos, principalmente daqueles que pleiteavam liberdade condicional.

Os resultados a que chegamos podem ser agrupados, sob o ponto de vista numérico, em duas classes:

- a) diagnósticos individuais;
- b) resultados estatísticos, isto é, as características gerais dos grupos examinados.

Quanto ao teste em si, os resultados foram uma confirmação de sua validade como meio de diagnóstico da personalidade. Ao lado disto, ficamos ainda com algum material utilizável em observações futuras, de acôrdo com as circunstâncias e possibilidades que se apresentem, sôbre o seu valor prognóstico.

Para melhor ordem do nosso trabalho, vamos examinar os resultados subdividindo o assunto em subtítulos.

OS RESULTADOS ESTATÍSTICOS

Para não nos alongarmos demasiado, limitar-nos-emos ao exame de algumas das medidas tomadas nas provas de lineogramas (1.^a página do teste) e dos ziguezagues (2.^a página do teste). Além de não estarem completas as medidas de vários testes, em que se conseguiram todos os traçados, em outros não foram feitas algumas das fôlhas. Ao lado disto, não dispusemos ainda de tempo e vagar para o estudo estatístico do material já utilizável. O grupo que vamos estudar aqui é composto de 20 detentos, cumprindo penas variáveis, por diferentes crimes. O tempo de detenção é muito variável, não tendo sido determinado. Nesse grupo estão misturados casos que foram submetidos ao exame do Conselho Penitenciário e outros de detentos que se submeteram ao teste para fins de observação. Não houve, da nossa parte nenhuma seleção de casos para êste estudo.

Apesar ainda de tôdas estas limitações já expostas, nem mesmo das duas primeiras páginas apresentamos aqui um estudo estatístico completo. Muitos dos cálculos estão ainda por fazer, não tendo havido tempo para completá-los e incluí-los neste rápido artigo. Antes de prosseguir desejamos esclarecer que o cálculo das médias foi obtido, salvo observações em contrário, pelos elementos do rol, e não por distribuições por freqüência.

No plano vertical, indicador da tensão psicomotriz, temos, no grupo de detentos, o desvio médio negativo de — 5,0, na mão esquerda. Êste valor está afastado do valor encontrado pelo Prof. MIRA no exame de 28 indivíduos normais e também do dos 40 homicidas examinados pelo mesmo autor. Nos homicidas, o desvio médio da mão esquerda foi de — 10,71. Êste valor não foi muito diferente do encontrado nos normais, onde atingiu — 9,50. Os desvios neste plano, na mão esquerda, indicam uma tendência temperamental para a depressão. Essa tendência, porém, em

nosso grupo, foi bem menor do que nos normais e homicidas examinados pelo DR. MIRA, e cujos desvios médios já foram dados.

Na mão direita o desvio médio, negativo, foi de — 11,95. Este valor é também inferior ao encontrado pelo DR. MIRA entre os homicidas, valor este de — 13,37, e ao dos normais, — 15,11. Podemos dizer que, ao que parece, a tendência à depressão, em nosso grupo de criminosos, é inferior à do grupo dos homicidas examinados pelo DR. MIRA, e, principalmente, à do grupo de normais do mesmo autor.

Quanto aos desvios no plano horizontal, a média na mão esquerda foi de +1,15, que difere da dos homicidas do Rio, onde foi de, somente, +0,80. Nos normais, de +0,96. Isto indicaria que o nosso grupo é constituído por um número bem grande de indivíduos extratensivos. Realmente, encontramos 45% de detentos com os característicos de extratensão, no teste, isto é, desvios positivos na mão esquerda. Além disto, vários têm desvios negativos mínimos, de menos de — 5,0.

Na mão direita, a nossa média foi de — 0,45. Este valor difere bastante do encontrado pelo professor MIRA entre os homicidas, que foi de — 7,05. Aproximou-se, porém, muito mais do valor dos normais, +1,60, se bem que tenha mantido o mesmo sinal que nos homicidas, isto é, intratensão. Como este sinal está ligado a desconfiança e cautela do indivíduo em face do meio ambiente, somos levados a crer que o ambiente das prisões facilita o aparecimento desse tipo de reação.

Examinando os desvios dos lineogramas sagitais, que são os reveladores da agressividade do indivíduo, encontramos, na mão esquerda, que revela a carga potencial, o valor positivo de +19,1. Este valor é superior ao encontrado pelo professor MIRA entre os homicidas, +17,83. Entre os normais o valor tem sido sempre inferior aos dos grupos delinquentes. No grupo estudado pelo professor MIRA foi de +13,46. Entre os criminosos examinados pelo DR. LÓPEZ GOMARA o valor do desvio sagital esquerdo foi +16,0mm.

Passando a examinar o desvio da mão direita, encontramos a média de +28,45mm, superior ainda à do DR. MIRA, que para os homicidas foi de +20,3 mm e, para o grupo dos normais, +14,07mm. No grupo de criminosos do DR. LOPEZ GOMARA o desvio médio foi de 19 mm.

Antes de examinarmos as nossas médias de desvio secundário, desejamos observar que tomamos como base a média dos lineogramas esquerdos e a média dos lineogramas direitos, de cada indivíduo examinado. A média geral do grupo, na mão esquerda, foi de 14,5 e, na mão direita, 15,6. Este desvio é interpretado como indicador da emotividade do indivíduo examinado. O da mão esquerda está ligado ao grau de emotividade geral. O da mão direita indica o grau de controle emotivo. Evidentemente só podemos dizer que há controle emotivo quando o desvio da mão direita é menor do que o da esquerda. Pelos números encontrados e aqui transcritos pode-se concluir que o nosso grupo de homicidas se caracteriza por falta do controle emotivo. Só houve controle emotivo, isto é, diminuição dos desvios secundários na mão direita em 45% dos casos. Isto significa que examinada a questão sob este ponto de vista, o grupo se caracteriza, de fato, por falta de controle.

Tomando a média dos tamanhos lineares de cada teste, para cada uma das mãos, e calculando-se as médias do grupo, obtivemos, para a mão esquerda o valor 40,2 e, para a direita, 43,7. Estes dados estão em relação com as tendências, ou melhor, com as situações ou estados de inibição ou excitação. Pode-se concluir que predomina no grupo leve tendência para a excitação. Os nossos valores estão próximos dos encontrados pelo professor MIRA entre os homicidas. A média para a mão direita entre os 40 (quarenta) homicidas foi de 41,40 e para a mão esquerda 40,80.

Passando a considerar a perigosidade como característica do nosso grupo podemos recordar aqui os sinais dados por D. CINIRA MIRANDA DE MENEZES como característicos de excessiva agressividade nos lineogramas:

“Aumento de tamanho linear”.

Desvio primário positivo no plano sagital em ambas as mãos, aumentado na mão dominante.

Desvio primário positivo na mão dominante do plano horizontal.

Deficiência de contrôle". (5).

Como se vê, todos êsses sinais estão presentes no grupo de detentos da Penitenciária de Neves.

Desejamos ainda indicar a média da coerência intrapsíquica dos detentos: foi de 58,65. Essa média foi obtida fazendo-se a diferença dos desvios primários dos lineogramas de cada plano, quando ambos tinham o mesmo sinal, ou a soma dos valores absolutos dêles, quando tinham sinais contrários, e somando-se os três resultados parciais de cada teste. A média é baseada nessa soma. Não podemos comparar com os resultados de outros pesquisadores porque não foram publicados na bibliografia que possuímos.

Poderíamos ainda tecer novas considerações sôbre os resultados que obtivemos na primeira fôlha do miocinético entre presidiários, mas, para não alongarmos demasiado êste artigo, passaremos imediatamente ao exame das médias dos ziguezagues.

Esta prova é executada no plano horizontal, nas direções Egófuga e egocípeta. Os traçados em cada uma destas duas direções são obtidos simultâneamente. A significação dos desvios primários é a mesma que a dos desvios primários nos lineogramas sagitais. Os pesquisadores têm encontrado, geralmente, desvios negativos nesse traçado. Em nosso grupo, os desvios foram ambos positivos. Na mão direita +10,1. Na esquerda, +4,8. Êstes dados revelam a mesma tendência verificada nos lineogramas, isto é, o aumento na mão dominante. O DR. MIRA encontrou, no grupo de homicidas os valores — 0,67 para a mão esquerda e — 2,52 para a direita. Nos normais os desvios foram menos 5,96 e — 3,04, respectivamente para as mãos esquerda e direita.

Calculamos também as diferenças de tamanho linear e as diferenças de tamanho angular para cada um dos quatro traçados. De acôrdo com D. CINIRA MIRANDA DE MENEZES (6)

estas diferenças nos indicam a impulsividade e a regularidade ou irregularidade das atitudes de reação. Essas diferenças foram obtidas tomando-se o maior ângulo e o menor, dentro da faixa habitual de estudo, e fazendo-se a diferença entre os dois valores. No caso dos tamanhos lineares, tomamos o maior e o menor comprimento das linhas que se encontravam na faixa, e fizemos a diferença respectiva.

QUADRO I

	Mão esquerda		Mão direita	
	egocífugo	egocípeto	egocífugo	egocípeto
Dif. linear	11,89	10,63	10,30	10,60
Dif. angular	45,10	40,68	33,40	29,40

Se considerarmos que D. CINIRA MIRANDA DE MENEZES (6) considerou como sinal de impulsividade a diferença angular esquerda de 28 e a direita de 12, e as diferenças lineares de 13 e de 7 para as mãos esquerda e direita, respectivamente, podemos concluir que essa impulsividade existe também no grupo de detentos examinados.

Calculamos também as médias dos desvios axiais de cada um dos traçados. Esses desvios foram maiores nos traçados da mão esquerda do que nos da direita. Na primeira encontramos os valores de 11,05 e 11,60, respectivamente nos egocífugos e egocípetos. Esses valores são superiores aos encontrados pelo DR. MIRA Y LÓPEZ. O nosso processo de cálculo diferiu do dele, pois não demos sinais conforme a direção do desvio axial. Calculando, porém, as médias desses desvios, para os 40 criminosos examinados pelo PROF. MIRA, baseados nos resultados discriminados que publicou, encontramos os valores de 9,37, para os egocífugos e 9,17 para os egocípetos. Os nossos valores são, como se vê, superiores aos encontrados por êle.

Dos dados tabulados, só encontramos um que esteja entre os sinais de agressividade excessiva indicados por D. CINIRA MIRANDA DE MENEZES (5). De fato, essa autora dá os seguintes característicos de agressividade excessiva, no ziguezague:

“Desvio primário positivo, principalmente na mão direita.

Ângulo máximo no movimento egocífugo da mão dominante.

Aumento do tamanho linear.

Traçado tenso, impulsivo”.

Como não investigamos os demais, só podemos afirmar que o nosso grupo apresenta o desvio primário positivo nas duas mãos, e aumentado na mão dominante.

Passemos agora, uma vez que terminamos a apreciação dos resultados estatísticos dos detentos de Neves, ao exame dos menores da Escola “Antônio Carlos”.

GRUPO DE MENORES DELINQUENTES

Resolvemos apreciar também os resultados dêste grupo de indivíduos porque, segundo nos parece, êles confirmam, mais uma vez, o valor do psicodiagnóstico miocinético na determinação das diferentes agressividades, tanto grupais quanto individuais.

Antes de prosseguir, desejamos fazer uma observação preliminar sôbre a idade dêste grupo. Não nos foi possível saber com exatidão a idade de todos os indivíduos examinados, pelas razões seguintes:

- a) muitos dos menores ignoravam completamente a sua própria idade;
- b) a idade não constava dos registros da escola;
- c) não nos foi possível, na ocasião, consultar o processo referente a alguns dos examinados.

Quando dos arquivos não constava a idade exata, mas a calculada ou estimada, aceitamo-la como base aproximada para as nossas apreciações sôbre êste ponto. Examinamos

êste ponto quando da nossa comunicação à Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de Belo Horizonte e concluímos então que todos os menores estão na última fase da adolescência, com idade entre 17 e 20 anos. A média devera estar pelos 18 anos e pouco.

Os psicólogos que têm estudado a adolescência reconheceram já que, nesta fase evolutiva do indivíduo, manifesta-se uma forte tendência à auto-afirmação e, portanto, à oposição aos demais. O tom geral da adolescência, no dizer do PROF. MIRA, é energumênico. (7).

Feita esta observação de ordem geral, a conclusão, de interêsse para nós, é que a agressividade do adolescente normal deve estar aumentada, quando comparada com a dos adultos normais. Isto foi, aliás, verificado pelo DR. MIRA entre os adolescentes da cidade de Montevidéu. No caso de adolescentes delinqüentes dever-se-ia encontrar a agressividade maior ainda do que nos adolescentes normais. Tomando, porém, um grupo de indivíduos no final da adolescência, como fizemos, poderíamos encontrar a agressividade já diminuída, tendendo para a do grupo de adultos. Daí o nosso plano primitivo de examinar também um grupo de indivíduos normais, com as idades semelhantes à do grupo de adolescentes delinqüentes. Não nos tendo sido possível terminar êste trabalho, limitar-nos-emos a comparar os resultados do grupo que ora examinamos com os resultados dos detentos de Neves e com os dos grupos de adultos e adolescentes normais publicados pelo PROF. MIRA Y LÓPEZ. Para maior brevidade, e com o fim de evitarmos repetições inúteis, indicaremos sòmente o sentido das diferenças existentes entre os adolescentes da Escola "Antônio Carlos" e os demais grupos já examinados, acrescentando os resultados dos adolescentes de Montevidéu. Seguiremos aqui a mesma ordem observada no exame dos detentos de Neves.

Os sinais de depressão atual e constitucional estão presentes, se bem que os desvios sejam menores do que os encontrados entre os detentos de Neves e os homicidas do Rio de Janeiro. Na mão esquerda o desvio foi de — 0,47 mm e,

na mão direita, — 4,85 mm. Nos adolescentes de Montevideu foram, na mesma ordem, de + 0,13 mm e — 3,00 mm. Ambos os resultados indicam que o normal é o indivíduo ter energia psicomotriz potencial superior à atual, isto é, em outras palavras, o indivíduo libera menos energia do que aquela que possui. A depressão atual, presente nos dois grupos de adolescentes, está mais acentuada no grupo dos delinquentes. Isto seria de esperar entre os detentos, conforme já dissemos. Dos menores delinquentes, 52% têm desvios positivos na mão esquerda, e 47,6% na mão direita.

Nos traçados horizontais, temos, na mão esquerda, o desvio de +14,52 e, na direita, de +6,37. Este, de todos os grupos, é o que revela maior extratensão na mão esquerda. Todos, porém, têm desvios médios positivos nessa mão. As maiores diferenças estão na mão direita. Entre os homicidas, o desvio foi negativo. Os adultos normais do PROF. MIRA também tiveram desvio positivo, muito menor, porém, do que o do grupo ora examinado; o mesmo se verifica entre os adolescentes de Montevideu, onde os desvios médios foram de +0,90, para a mão direita, e +1,58, para a esquerda. Parece, pois, normal a tendência para a extratensão na adolescência masculina.

Passando, agora, ao exame dos lineogramas sagitais, encontramos os desvios positivos de +22,09, na mão esquerda, e +27,80, na direita. Na mão esquerda este desvio é superior ao dos detentos de Neves e, portanto, ao encontrado nos demais grupos. Na mão direita é levemente inferior ao encontrado em Neves, mas superior ao de todos os grupos estudados pelo PROF. MIRA Y LÓPEZ.

No entanto, entre os adolescentes, 57,1% têm desvios superiores à média do grupo, enquanto que entre os detentos somente 35% estão acima da média do próprio grupo. Isto quanto aos desvios na mão direita.

Comparando os menores da Escola "Antônio Carlos" com os menores normais de Montevideu, temos, para este últimos, o desvio sagital esquerdo de +19,50 e o direito de +22,50. Isto confirma o que dissemos anteriormente, isto é, que entre

os menores delinqüentes a agressividade é maior do que entre os adolescentes normais, como também é menos controlada.

O desvio secundário médio da mão esquerda (grau de emotividade geral) foi de 12,85, e, na mão direita (contrôle emotivo), de 12,0. Há, portanto, pelo menos, tentativa de controle emotivo, o que não se verificou entre os detentos da Penitenciária. A emotividade é, porém, bem maior do que a dos adolescentes de Montevideu, onde os valores foram, na mão esquerda, 9,82 e, na direita, 8,89. Do grupo de menores delinqüentes, 66,6% revelaram controle emotivo, se bem que, em muitos casos, tenha sido mínima a diferença entre as duas mãos.

Os tamanhos lineares foram de 35,18, na mão esquerda, e de 35,66, na direita. Há, portanto, uma tendência para inibição, nas duas mãos. As médias para os adolescentes normais foram de 35,40, na mão esquerda, e 33,70, na direita. Entre os adultos normais, 40,0 na esquerda e 39,50, na direita. A tendência, nos grupos normais de adolescentes e adultos, foi para diminuir o traçado da mão direita. No grupo dos nossos delinqüentes, para aumentar, se bem que mínima. Este resultado está relacionado com o dos nossos criminosos adultos, onde verificamos tendência para aumentar o traçado da mão direita mais do que o da esquerda.

Nesta primeira página do teste, portanto, encontramos alguns dos sinais de agressividade excessiva, faltando o aumento do tamanho linear. Notamos, de passagem, porém, que os tamanhos lineares foram superiores aos dos menores normais de Montevideu. Quanto ao controle emotivo, podemos dizer que apenas se manifesta.

Passaremos agora ao exame dos zigzagues, fazendo-o o mais rapidamente possível.

Os desvios primários foram negativos, em ambas as mãos, atingindo — 9,09 na mão esquerda e — 3,52, na direita. Afirma o DR. MIRA Y LÓPEZ (8) o seguinte:

“Nesta prova é normal obter-se um D.P. negativo (produzido pela ação inicial, inibitória, do temor do paciente,

que se liberta na segunda parte). As pessoas decididas (cujo índice de agressividade é maior do que o médio) têm, ao contrário, um D.P. também positivo (como nos lineogramas sagitais)".

É provável que a explicação dos desvios negativos encontrados entre os menores delinquentes esteja num fundo de temor que, provavelmente, existe neles.

A impulsividade, como já sabemos, se revela nas diferenças de tamanho linear e angular. Vemos, pelo Quadro II, que as variações nas atitudes de reação são muito mais acentuadas neste grupo do que entre os detentos de Neves. Isto não está em desacôrdo com o que se poderia esperar do grupo. Infelizmente não possuímos dados de menores normais sôbre este ponto.

QUADRO II

	Mão esquerda		Mão direita	
	egocífugo	egocípeto	egocífugo	egocípeto
Dif. linear	11,76	11,52	10,66	13,09
Dif. angular	44,23	51,42	33,52	34,76

Quanto aos desvios axiais, foram, na mão esquerda, 11,33 e 9,00, respectivamente, para as direções egocífuga e egocípeto. Na mão direita, na mesma ordem, foram de 13,42 e 8,52. Com exceção do egocípeto esquerdo, todos os demais foram superiores aos dos detentos de Neves. Foram também superiores aos dos adolescentes de Montevideu, onde a média para a mão esquerda foi de 9,55 e a da direita, 9,79. Não podemos discriminar as direções, porque os resultados separados não foram publicados. O DR. MIRA Y LÓPEZ interpreta os desvios axiais como relacionados com a orientação (temporal e espacial) dos indivíduos. Podemos, pois, dizer que os menores delinquentes se apresentam com menos orientação do que os normais.

Concluindo, pois, o exame dos dados estatísticos por nós recolhidos, podemos dizer que o miocinético revelou as características dos grupos estudados. Por outro lado, as indicações gerais da significação dos diferentes desvios, permitem que se faça uma idéia dos muitos dados que se obtêm com esta prova, nos exames individuais.

Para se estabelecer o diagnóstico individual, examinam-se os dados quantitativos, as diferentes combinações dos vários desvios que se obtêm, e os dados qualificativos, relativos à fineza dos traçados, maior ou menor fôrça, etc.

Para cada um dos detentos examinados, fizemos uma descrição dos dados observados, e demos uma síntese sobre a personalidade dêle. Visávamos, conforme dissemos, determinar também o valor dos prognósticos feitos à base do miocinético. Por várias razões, esta parte não pode ser prosseguida. Chegamos, porém, a ter notícia de um caso de reincidência.

Parece-nos, por isto, que a investigação do miocinético, no que concerne ao seu valor prognóstico sobre a reincidência será do mais alto valor para os juízes e para os Conselhos Penitenciários, que têm de julgar e conceder os livramentos condicionais. Esta pesquisa não seria muito difícil, na última das eventualidades indicadas, uma vez que se submetessem todos os que pleiteam o livramento condicional ao miocinético. Poder-se-ia, assim, acompanhar o indivíduo durante algum tempo, comprovando os prognósticos feitos.

BIBLIOGRAFIA

Estão citadas na ordem em que foram referidas no texto.

1. C. R. SHAW — *Delinquency Areas* — citado segundo A. F. WELLS — Social Surveys, in *The Study of Society, Methods and Problems*, pág. 424-435 — Londres — Routledge & Kegan Ltd., 4.^a impressão — 1949.

2. LUIS JIMÉNEZ DE ASÚA — *O Estado Perigoso* — 197 pág., São Paulo — Edições e Publicações Brasil — trad. de J. CATOIRA e A. BLAY, c/ prólogo do DR. NOÉ AZEVEDO — 1933.

3. ALEXANDRE ET STAUB, *Le criminel et ses Juges* — cit. segundo EMMANUEL MOUNIER — *Traité du Caractère* — 796 págs. — Paris — Editions du Seuil — 1947.

4. E. MIRA E LÓPEZ — *Manual de Psicologia Jurídica* — 301 págs. — Rio de Janeiro — Livraria Agir Editôra — 1947.

4. CINIRA MIRANDA DE MENEZES — *Apreciação Caracterológica de Imigrantes através do Psicodiagnóstico Miocinético* — págs. 117-124 — “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” — Ano 1 — Setembro de 1949.

6. CINIRA MIRANDA DE MENEZES — *Psicodiagnóstico Miocinético do Prof. Mira y Lopez* — 1947 — fôlhas mimeografadas.

7. E. MIRA Y LÓPEZ — *Psicologia da Adolescência* — “Psycke” n.º 2 — Setembro de 1947.

8. E. MIRA Y LÓPEZ — *Súmulas de Aulas no Curso de Orientação, Seleção e Readaptação Profissional* — “Revista do Serviço Público”, Ano X, vol. II, ns. 1 e 2 — Maio-Junho — 1947.

Os dados referentes a adultos normais e criminosos foram extraídos do trabalho seguinte:

9. E. MIRA, A. MIRA e A. DE OLIVEIRA — *Aplicação do Psicodiagnóstico Miocinético ao Estudo da Agressividade* — págs. 69-116 — “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” — Ano 1 — Setembro de 1949.